

AS RELAÇÕES FAMILIARES E O DESENVOLVIMENTO DA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE DA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Recebido em: xx/xx/xxxx

Aceito em: xx/xx/xxxx

DOI: 10.25110/akropolis.vXXiX.2024-00000



Adriana Puchikeve De Assis ¹
Ana Luísa Martim²
Maria Clara Silva³
Hellen Luisie Florencio Gonçalves⁴

O presente trabalho propõe analisar a adolescência à luz da Psicologia Histórico-Cultural, com ênfase no papel das relações familiares na constituição subjetiva do adolescente. Parte-se da compreensão de que a adolescência corresponde a um período do desenvolvimento marcado por transformações qualitativas na consciência, na personalidade e nas formas de relação com o mundo social. Fundamentado em pesquisa de natureza teórico-conceitual e bibliográfica, o estudo utiliza o materialismo histórico-dialético como base para compreender o desenvolvimento humano como processo histórico e socialmente constituído. Nesse contexto, a família é compreendida como mediação primordial na produção de significados, valores e modos de inserção social, participando diretamente da formação da personalidade e da visão de mundo dos adolescentes. Considera-se, ainda, que as transformações socioculturais contemporâneas, especialmente a intensificação das relações mediadas pela internet, configuram novos elementos que constituem a experiência da adolescência e ampliam os desafios para a compreensão desse período do desenvolvimento. Assim, o trabalho articula a discussão sobre periodização do desenvolvimento, constituição da adolescência e mediações familiares, buscando

¹ Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid

² Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid

³ Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid

contribuir para a ampliação do debate acerca das condições sociais que participam da formação subjetiva na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Relações Familiares; Desenvolvimento; Psicologia Histórico-Cultural; Consciência; Personalidade.

**FAMILY RELATIONSHIPS AND ADOLESCENT DEVELOPMENT:
AN ANALYSIS OF SUBJECTIVE CONSTITUTION FROM THE
PERSPECTIVE OF HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY**

This study aims to analyze adolescence from the perspective of Historical-Cultural Psychology, with an emphasis on the role of family relationships in the subjective constitution of adolescents. It is grounded in the understanding that adolescence constitutes a developmental period marked by qualitative transformations in consciousness, personality, and modes of engagement with the social world. Based on theoretical-conceptual and bibliographic research, the study adopts historical-dialectical materialism as its methodological foundation, conceiving human development as a historically and socially constituted process. Within this framework, the family is understood as a fundamental mediating instance in the production of meanings, values, and forms of social participation, directly contributing to the formation of adolescents' personality and worldview. Furthermore, contemporary sociocultural transformations—particularly the intensification of relationships mediated by digital technologies—are considered as elements that reshape the experience of adolescence and introduce new challenges for its comprehension. Thus, this study articulates discussions on developmental periodization, the constitution of adolescence, and family mediations, aiming to contribute to the expansion of debates concerning the social conditions involved in subjective formation in contemporary society.

KEYWORDS: Adolescence; Family Relationships; Development; Historical-Cultural Psychology; Consciousness; Personality.

LAS RELACIONES FAMILIARES Y EL DESARROLLO DE LA ADOLESCENCIA: UN ANÁLISIS DE LA CONSTITUCIÓN SUBJETIVA DESDE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL

El presente trabajo propone analizar la adolescencia a la luz de la Psicología Histórico-Cultural, con énfasis en el papel de las relaciones familiares en la constitución subjetiva del adolescente. Se parte de la comprensión de que la adolescencia corresponde a un período del desarrollo marcado por transformaciones cualitativas en la conciencia, en la personalidad y en las formas de relación con el mundo social. Fundamentado en una investigación de carácter teórico-conceptual y bibliográfico, el estudio utiliza el materialismo histórico-dialéctico como base para comprender el desarrollo humano como un proceso históricamente y socialmente constituido. En este contexto, la familia es entendida como una mediación primordial en la producción de significados, valores y modos de inserción social, participando directamente en la formación de la personalidad y de la visión del mundo de los adolescentes. Asimismo, se considera que las transformaciones socioculturales contemporáneas, especialmente la intensificación de las relaciones mediadas por internet, configuran nuevos elementos que constituyen la experiencia de la adolescencia y amplían los desafíos para la comprensión de este período del desarrollo. De este modo, el trabajo articula la discusión sobre la periodización del desarrollo, la constitución de la adolescencia y las mediaciones familiares, buscando contribuir a la ampliación del debate acerca de las condiciones sociales que participan en la formación subjetiva en la contemporaneidad.

PALABRAS CLAVE: Adolescencia; Relaciones Familiares; Desarrollo; Psicología Histórico-Cultural; Conciencia; Personalidad.

1. Introdução

A adolescência é um período marcado por intensas transformações biológicas, cognitivas, emocionais e sociais, sendo considerada uma fase fundamental para a constituição da identidade e da subjetividade. Nesse processo, as relações familiares desempenham um papel central, pois a família constitui o primeiro espaço de socialização e mediação cultural do indivíduo, constituindo diretamente o modo como o sujeito se apropria da realidade e constrói significados sobre si e sobre o mundo. O

desenvolvimento humano é compreendido como um processo dinâmico, histórico e social, construído nas relações com o outro e mediado pela cultura.

A partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, entende-se que o sujeito se constitui nas e pelas relações sociais. A família é uma das principais instâncias mediadoras desse desenvolvimento, especialmente durante a adolescência. Nesse período, ocorrem reorganizações significativas na estrutura da consciência e da personalidade. Ademais, a escolha do tema justifica-se pela necessidade de aprofundar a reflexão acerca dos processos de constituição subjetiva na adolescência. Isso evidencia a família como núcleo essencial na mediação das experiências que compõem a formação do sujeito e contribui para a superação de visões naturalizantes, reducionistas e estigmatizadas desse período do desenvolvimento.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral analisar de que forma as relações familiares contribuem para a constituição subjetiva do adolescente, considerando a adolescência como um período legítimo do desenvolvimento humano, à luz da Psicologia Histórico-Cultural. Para tanto, o trabalho em tela, organizou-se a partir dos seguintes objetivos específicos: 1) compreender a adolescência a partir da periodização do desenvolvimento humano; 2) identificar o papel da família na construção da personalidade do adolescente e, por fim, 3) apresentar reflexões iniciais sobre as implicações da dinâmica familiar e das mediações da internet na formação da visão de mundo do adolescente.

Para o alcance desses objetivos, o presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza teórico-conceitual e bibliográfica, fundamentada nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural e implicada nas bases epistemológicas do materialismo histórico-dialético. O desenvolvimento metodológico foi estruturado a partir do desdobramento de conceitos centrais dessa abordagem, articulando a compreensão da adolescência às configurações familiares contemporâneas e às condições concretas de vida dos sujeitos.

O embasamento bibliográfico foi realizado em bases de dados acadêmicas como SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, priorizando produções científicas que dialogam com a Psicologia Histórico-Cultural. Para além disso, a análise dos materiais selecionados buscou articular conceitos como mediação, atividade, relação do sujeito com o meio social, personalidade e família. Isso possibilitou a construção de uma reflexão crítica que compreende o adolescente em sua totalidade histórico-social. Tendo

como prisma a importância das relações familiares como mediadoras fundamentais no processo de desenvolvimento humano.

2. O desenvolvimento humano a partir da Psicologia Histórico-Cultural

Conforme Leite (2015), a Psicologia Histórico-Cultural compreende o desenvolvimento humano como um processo essencialmente social e histórico, em que o sujeito se forma por meio da atividade e das relações com o mundo historicamente produzido pela humanidade. Essa concepção rompe com as explicações naturalizantes que reduzem o desenvolvimento a fatores biológicos, entendendo que o homem se constitui a partir da apropriação dos produtos materiais e simbólicos criados historicamente pela humanidade. Este processo é realizado a partir da mediação, pois, é com uso de ferramentas que o indivíduo altera a natureza da própria atividade que realiza - alterando a sua própria natureza. Assim, ao utilizar ferramentas de maneira consciente, o indivíduo supera suas determinações biológicas e reorganiza o mundo material e social dialeticamente. (Clarindo, 2024, p.117). Pensando nesse processo de mediação, Vygotsky (1991) deu o nome de ato instrumental, ao explicar: “No ato instrumental, o homem se domina a si mesmo de fora para dentro, por meio de instrumentos psicológicos” (Vygotsky, 1991, p. 68 *apud* Clarindo, 2024). Tal processo não ocorre de forma imediata, mas por meio dos instrumentos, como citado.

Deste modo, a internalização da realidade não se dá de maneira automática ou direta, sendo mediada especialmente pela linguagem, que possibilita a transformação do objeto externo em imagem psíquica e a conversão das experiências sensoriais em processos de abstração complexos (MARTINS, 2015 *apud* AITA; FACCI, 2024, p. 83). Tem-se que o exposto sintetiza a formação do reflexo psíquico. Nesse processo, a mediação tem papel central, ao ser por meio dela que o indivíduo se apropria dos signos, instrumentos e significados. Os signos, conforme explica Zanella (2020, p. 36), são produtos da ação humana, “coletivamente produzidos e singularmente apropriados”.

Isso significa que, a partir das diferentes mediações, o adolescente constitui-se na relação estabelecida com a realidade concreta, e também constrói a visão sobre si. Pois, como explica Leite (2015), a mediação “permite o desenvolvimento do sujeito que se transforma à medida que se apropria daquilo que historicamente foi produzido” (p. 54). Leontiev (2021), aprofunda a relação entre atividade e consciência, ao definir que toda atividade tem por objetivo a satisfação de uma necessidade, e de que esta é dotada

de motivos. As atividades podem ser elementares, que dizem respeito aos processos de satisfação das necessidades que os humanos partilham com outros animais, como se alimentar, dormir e realizar a reprodução da espécie; e complexas (superiores), como estudar, trabalhar, transformar a natureza (Leontiev, 2021). Os motivos também possuem uma relação de diferenciação, estes podem ser motivos estímulos, isto é, permanecem movimentando a atividade durante um curto espaço de tempo, ou os motivos geradores de sentido, que são aqueles que são produzidos pelo sentido pessoal, e permanecem por um longo período da estrutura da atividade do sujeito. No entanto, ao refletir sobre o trabalho e seu caráter humano, deve-se ter em vista que na sociedade capitalista, este pode perder seu caráter de mediação humanizadora e tornar-se “atividade que esvazia o ser do homem” (Oliveira, 2006, p.13 *apud* ASBAHR, 2017, p. 26).

“Como vimos, a apropriação do mundo social pelos indivíduos ocorre por meio da atividade. Mas esta relação do homem com o mundo não é uma relação direta, como é a relação dos animais com a natureza. A atividade humana, social por natureza, é sempre atividade mediada pelos objetos criados pelos homens. Daqui se depreende outra concepção central da Psicologia Histórico-Cultural: o caráter mediatizado do psiquismo humano.”(ASBAHR, 2017, p. 28).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento psíquico é resultado da relação dialética entre o biológico e o cultural. Vigotski (1931/2000a, p. 36, *apud* LEITE, 2015) destaca que, ao ocorrer em um meio cultural, “o desenvolvimento orgânico passa a ser um processo biológico historicamente condicionado”. Assim, o crescimento humano não é somente um prolongamento da maturação natural, mas uma verdadeira metamorfose cultural, em que o social transforma radicalmente o biológico e o biológico possibilita o social.

Esse olhar diferencia as funções psicológicas elementares de base biológica, presentes também nos animais, das funções psicológicas superiores, que se formam na vida social. Essas funções superiores, como a linguagem, o pensamento conceitual e a atenção voluntária, surgem das relações humanas e são internalizadas ao longo do desenvolvimento. Manifesta-se uma das leis centrais formuladas por Vigotski (2021): a Lei Genética Geral do Desenvolvimento Cultural, segundo a qual, toda função psíquica

superior aparece duas vezes: primeiro no plano social, interpsicológico, e depois no plano individual, intrapsicológico.

Para além, referenciando a proposta de periodização do desenvolvimento, busca-se compreendê-lo a partir da essência do processo, superando concepções superficiais, aparentes, maturacionistas e idealistas. Desse modo, “a verdadeira tarefa consiste em investigar o que se oculta por trás dos ditos indícios, aquilo que os condiciona, ou seja, o próprio processo do desenvolvimento infantil com suas leis internas”. (Vigotski, 2012 *apud* ABREU; PEDERIVA, 2023, p. 380)

Dessa forma, o foco da análise não está na idade cronológica, mas nas mudanças em que se operam na dinâmica das funções psicológicas superiores ao longo da vida. Para essa teoria, cada período do desenvolvimento é definido pela interrelação dialética entre quatro conceitos fundamentais: situação social do desenvolvimento, atividade-guia, neoformação e crise. (ABREU; PEDERIVA, 2023, p. 383).

Para a Psicologia Histórico-Cultural, a crise é compreendida como um momento de transformação qualitativa na estrutura e dinâmica da personalidade, bem como, na relação do sujeito com a realidade, marcada por mudanças bruscas e profundas que ocorrem entre períodos relativamente estáveis do desenvolvimento. Essas crises não são vistas como algo negativo, mas como saltos dialeticamente qualitativo que possibilitam o desenvolvimento da consciência e da atividade humana (PASQUALINI, 2009).

De acordo com Vigotski (1996), este desenvolvimento humano se caracteriza pela alternância entre períodos estáveis, quando as mudanças se acumulam de forma gradual, e períodos críticos ou de crise, em que essas mudanças acumuladas resultam em transformações qualitativas. Nesses momentos, ocorre a reestruturação das necessidades, motivos e formas de relação do sujeito com o meio, o que marca o surgimento de novas formações psíquicas e o encerramento de uma etapa anterior. A crise do desenvolvimento é, portanto, um fenômeno necessário, que sinaliza a passagem de um estágio a outro.

Segundo Vigotski (2006), identificou várias crises ao longo do ciclo de vida: a crise pós-natal, a crise do primeiro ano, a crise dos três anos, a crise dos sete anos, a crise dos treze anos (puberdade) e a crise dos dezessete anos. Cada uma delas representa o rompimento de uma estrutura anterior e o nascimento de novas formas de pensamento, afetividade e conduta. Por exemplo, na crise dos três anos, observa-se o desenvolvimento do sentimento de autonomia e vontade, que transforma a relação da

criança com os adultos e consigo mesma; já na crise dos sete anos, altera-se a dinâmica do sujeito nas relações concretas de sua época, isto é, há uma mudança significativa na forma de pensar e compreender o mundo que favorece a transição para a idade escolar. (FACCI, 2004).

Essas crises de transição estão intimamente ligadas ao conceito de situação social de desenvolvimento, que, para Vigotski (1996), representa a forma singular e histórica de unidade entre a criança e o meio social em cada idade. Quando essa relação se esgota, ou seja, quando a criança já não encontra nas condições anteriores os meios para continuar se desenvolvendo, ocorre a crise, abrindo espaço para uma nova estrutura de personalidade e um novo tipo de atividade principal (atividade-guia) (PASQUALINI, 2009).

Cada período do desenvolvimento é dominado por uma atividade principal, que organiza a vida psíquica da criança e impulsiona a formação de novas capacidades (FACCI, 2004). A passagem de uma atividade principal a outra, por exemplo, do jogo para o estudo, também ocorre mediante crises, nas quais o sujeito reorganiza seu modo de agir e compreender o mundo. Essas transições não são lineares nem iguais para todos, mas dependem das condições histórico-sociais e da inserção da criança em novos sistemas de relações e práticas educativas, conforme afirma Pasqualini (2009). É nesse movimento que novas necessidades e motivos vão se constituindo, aparecendo nas atividades que passam a ter maior relevância em cada etapa do desenvolvimento (PEREIRA, 2019, p. 7).

Nesse processo, a chamada atividade-guia expressa, de forma concreta, essas transformações organizando a maneira como o sujeito passa a se relacionar com o meio (LEONTIEV, 1978 *apud* PEREIRA, 2019, p. 9). Dessa forma, cada período da vida se caracteriza por modos específicos de vínculo com a realidade, que orientam o desenvolvimento. Cada período da vida possui uma atividade que caracteriza as novas formações psíquicas. Estas, são compreendidas como neoformações, e representam os novos nexos entre as funções psicológicas que surgem em cada etapa, constituindo as mudanças qualitativas do desenvolvimento.

A este trabalho, o período da transição para a adolescência ganha destaque, pois esse referencial rompe com as concepções que restringem o desenvolvimento às mudanças corporais e hormonais. Conforme Abreu e Pederiva (2023, p. 385), “a Teoria Histórico-Cultural oferece um instrumental que permite uma nova compreensão sobre a

adolescência, agora entendida na unidade biológico-cultural”. Assim, o desenvolvimento psíquico do adolescente deve ser visto como resultado das condições sociais e históricas em que ele se insere, e não apenas como efeito da maturação sexual.

Compreende-se que o capitalismo contemporâneo se organiza a partir de contradições que engendram a constituição subjetiva, criando tensões entre aquilo que o indivíduo sente e precisa e o que a sociedade exige dele (DELARI JR., 2013 *apud* GONÇALVES, 2024). Nesse cenário, a adolescência se destaca como um período em que as relações entre pares ganham grande importância, contribuindo para a construção do sentimento de maturidade e para o desenvolvimento da autoconsciência.

Nesse período, em que se consolida o pensamento conceitual, compreende-se que “o pensamento por conceitos é uma nova forma de atividade intelectual, um novo modo de conduta, um novo mecanismo peculiar” (VYGOTSKI, 2006 *apud* GONÇALVES, 2024, p. 68), condição que possibilita ao sujeito apreender a realidade em níveis mais abstratos e críticos. Assim, a adolescência é entendida como um processo de natureza histórica, social e cultural, em que a subjetividade se constitui à medida que o indivíduo produz novos sentidos, reorganiza sua personalidade e constrói sua visão de mundo.

Deve-se considerar também que o pensamento conceitual impulsiona novas formas de relação com o meio, e do adolescente com si próprio. Esse período se caracteriza pela “maturação sexual e, ao mesmo tempo, pela maturação social da personalidade”, (Vigotski, 2012 *apud* ABREU; PEDERIVA, 2023, p. 389) em que o adolescente adquire capacidade de reflexão, consciência moral e formação de ideais. Esse movimento marca o surgimento de uma nova atividade-guia: a comunicação íntima pessoal e o trabalho, que se tornam centrais para a construção da identidade e para a inserção social (ELKONIN, 2017, *apud* ABREU; PEDERIVA, 2023, p. 390).

Dessa forma, essa maneira de relação expressa a necessidade de o adolescente comparar-se, identificar-se e reconhecer-se nas relações com seus pares e com os adultos que o cercam, tomando-os como modelos de conduta e de constituição subjetiva (DAVIDOV, 1986, *apud* ABREU; PEDERIVA, 2023, p. 390). Elkonin (2017) implica que, nessa dinâmica, se fortalecem vínculos interpessoais mais intensos e complexos, orientados por normas éticas e morais próprias do grupo social (*apud* ABREU; PEDERIVA, 2023, p. 390).

Segundo Gonçalves (2024), essa fase não pode ser reduzida a um período de instabilidade, pois representa um momento de reorganização subjetiva, em que o sujeito

constrói sentido para suas experiências e para sua inserção no mundo. A formação da personalidade, portanto, está diretamente ligada às condições concretas da vida social.

O desenvolvimento da personalidade é compreendido como um fenômeno histórico-social, que se constitui na unidade entre o sujeito e o meio (GONÇALVES, 2024). Compreender esse processo significa reconhecer que o indivíduo se forma nas contradições de sua realidade concreta, em um movimento dialético de transformação, no qual as crises assumem um caráter positivo e criador (ABREU; PEDERIVA, 2023, p. 389).

As mudanças biológicas e sociais são inseparáveis, pois “o biológico funde-se ao social; o biológico é o orgânico, no pessoal” (VYGOTSKI, 2006, *apud* ABREU; PEDERIVA, 2023, p. 386).

Em síntese, o desenvolvimento humano, segundo a Psicologia Histórico-Cultural, é um processo de constituição histórico-social da subjetividade. Cada período da vida é caracterizado por uma atividade principal que promove novas formações psicológicas e reorganiza a personalidade. O que se transforma em cada período não é somente o corpo, mas as formas de relações com o mundo e consigo, demonstrando que o desenvolvimento é, antes de tudo, um movimento de transformação do processo de periodização: das crises para a estabilidade, em saltos qualitativos. A adolescência sintetiza o processo mencionado, evidenciando o conjunto de transformações revolucionárias no curso do desenvolvimento do indivíduo.

2.2. A constituição da adolescência

Deste modo, partindo das bases gerais para o desenvolvimento humano, sob a ótica da Psicologia Histórico-Cultural, a adolescência é compreendida como um período específico e fundamental deste desenvolvimento, marcado por profundas transformações na estrutura e dinâmica da personalidade, na consciência e nas formas de relação que o sujeito estabelece consigo mesmo e com a realidade social. Nessa perspectiva, o desenvolvimento não é entendido como um processo natural, linear ou puramente biológico, mas como resultado das condições históricas, sociais e culturais que engendram a vida do indivíduo.

Vigotski (2006) destaca que cada etapa do desenvolvimento possui um conteúdo positivo próprio, sendo a adolescência caracterizada por uma reorganização da vida psíquica e pela formação da autoconsciência. Isso significa que, nesse momento, o

sujeito passa a desenvolver uma compreensão mais desenvolvida sobre si, sobre suas experiências e sobre o lugar que ocupa nas relações sociais, construindo novas formas de pensamento e compreensão da realidade.

A adolescência, portanto, representa mais do que uma fase de transição entre infância e vida adulta; trata-se de um momento em que novas formações psíquicas reorganizam qualitativamente a consciência e a personalidade. A periodização do desenvolvimento, conforme discutem Abrantes e Eidt (2019), está relacionada à atividade dominante em cada etapa da vida, ou seja, às formas principais de relação que impulsionam mudanças psicológicas significativas. Dessa forma, cada período do desenvolvimento se caracteriza pelas atividades e relações sociais que orientam o sujeito, e não apenas por delimitações etárias fixas. Na adolescência, as exigências sociais se ampliam, assim como a necessidade de inserção em novas relações, levando o jovem a questionar valores, construir posicionamentos próprios e elaborar sentidos mais complexos sobre sua existência.

Esse processo não ocorre de forma homogênea, pois as condições histórico-sociais interferem diretamente na maneira como cada adolescente vivencia seu desenvolvimento. As experiências concretas, o ambiente familiar, a escola, os grupos sociais e os instrumentos culturais disponíveis conduzem objetivamente profundamente a constituição subjetiva. Assim, o desenvolvimento psíquico precisa ser compreendido dentro da realidade social em que o sujeito está inserido, já que diferentes contextos produzem diferentes possibilidades de formação. Nesse sentido, deve-se ter em vista que não se trata de uma lógica determinística da formação, mas sobre dar luz às condições históricas e objetivas de possibilidades disponíveis ao adolescente em sua dinâmica de desenvolvimento. A adolescência passa, então, a ser marcada por contradições entre capacidades já desenvolvidas e novas demandas sociais, o que favorece períodos críticos. Essas crises, longe de serem vistas apenas como dificuldades, fazem parte da própria lógica do desenvolvimento, pois impulsionam reorganizações internas essenciais para novas formas de consciência e personalidade.

A situação social de desenvolvimento possui papel decisivo nesse processo, pois corresponde à forma específica como o adolescente se relaciona com o meio em determinado momento de sua vida. É nesse conjunto de relações que se produzem mediações fundamentais para a construção subjetiva. Família, escola e demais espaços sociais participam diretamente da maneira como o sujeito interpreta suas vivências e

produz sentidos pessoais. Segundo Leontiev (2021, p. 105), “o sentido pessoal reflete a relação do motivo com o fim da ação, revelando a posição do sujeito diante da realidade”, o que evidencia que o desenvolvimento da consciência não ocorre de forma isolada, mas por meio das experiências sociais concretas. Dessa maneira, o adolescente passa a construir sua visão de si e sua visão de mundo a partir das relações que estabelece, desenvolvendo significados próprios sobre sua identidade, seus objetivos e sua inserção social.

Nesse contexto, a atividade social assume função central na constituição da personalidade. Leontiev (2021) compreende que é por meio da atividade que o sujeito se apropria da cultura, produz consciência e transforma sua relação com o mundo. Na adolescência, atividades ligadas ao estudo, à inserção social e à busca por pertencimento tornam-se fundamentais, pois favorecem novas formas de pensamento, maior reflexão crítica e a construção de projetos pessoais. Assim, sob a ótica da Psicologia Histórico-Cultural, a adolescência é um período em que o desenvolvimento humano se intensifica por meio das relações sociais e das atividades historicamente construídas, permitindo a formação de uma consciência mais complexa, da autoconsciência e de uma visão de mundo cada vez mais elaborada.

2.3. O papel da família no desenvolvimento

Tendo em vista as discussões antecedentes, considera-se que a família possui um nexos radical, isto é, na gênese dos processos formativos do sujeito integralmente, inclusive no período da adolescência. A família não é só um espaço de afetos e experiências pessoais, ela também é determinada pela sociedade e pela história. As regras, costumes, papéis de homens e mulheres e até a forma como o trabalho é organizado moldam como as relações familiares acontecem. Por isso, a família é construída socialmente e muda conforme o período histórico e o contexto (BIROLI, 2014). Além dos aspectos sociais e históricos, a ideia de família também abrange os laços de sangue, mas vai além deles, incluindo vínculos afetivos e de solidariedade. O lar se apresenta como espaço de convivência e referência, no qual os membros compartilham experiências, enfrentam dificuldades e constroem objetivos em comum. (SILVÉRIO, 2012).

Dessa forma, a família pode ser entendida como uma instituição social formada historicamente e marcada pelas condições culturais e socioeconômicas de cada época. Sua configuração não se limita a um modelo único ou normativo, ainda que esse modelo continue presente no imaginário social. Pelo contrário, ela se organiza em diferentes arranjos, que refletem a diversidade da vida material e simbólica dos indivíduos. (DURIGAN, LEAL, 2018).

Além disso, a família desempenha um papel de mediação entre a vida pública e a vida privada, constituindo-se como um espaço fundamental de socialização e de produção de significados. Sua dinâmica envolve tanto práticas coletivas quanto individuais, articulando-se ao processo mais amplo de reprodução social, que abrange desde o consumo material até a produção simbólica. (DURIGAN, LEAL, 2018).

Dessa forma, as relações familiares não apenas reproduzem a sociedade de maneira passiva, mas também assimilam, ressignificam e transformam a realidade social, influenciando e sendo influenciadas pelo desenvolvimento cultural em cada contexto histórico. (DURIGAN, LEAL, 2018).

No cenário do capital, a família possui, para além das finalidades citadas, o papel de produção e reprodução das normas necessárias para o funcionamento das relações sociais de produção. Em vista disso, conforme discutido, a visão de mundo do adolescente é também constituída a partir dessas normas, isto é, dos modelos ideais, mais ou menos, padronizados de relações. Por mais que ocorra uma diversidade de configurações familiares, ela permanece sob a condição nuclear e monogâmica⁴ (Gonçalves, 2019).

2.4. Implicações da tecnologia no desenvolvimento da adolescência

No que se pretende alcançar com esta pesquisa, a discussão frente ao uso de dispositivos tecnológicos, em sua diversidade, por adolescentes, constitui-se como uma das mediações que se entrelaçam ao desenvolvimento da consciência, da personalidade e da visão de mundo, sendo centrais para compreender a constituição subjetiva na adolescência.

Desse modo, a consciência, na tradição da Psicologia Histórico-Cultural, não é

⁴ Não pretende-se realizar um levantamento bibliográfico sobre o desenvolvimento histórico da família nuclear monogâmica, outros trabalhos o fizeram com maestria, a finalidade deste tópico consiste em relacionar o papel da família à constituição da adolescência.

entendida como instância interna isolada, mas como reflexo psíquico da realidade socialmente produzida. Conforme fundamentado por Gonçalves (2024), trata-se de uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada nas relações humanas e constituída na atividade. Nessa perspectiva, os significados sociais, ao serem apropriados pelo indivíduo, transformam-se em sentidos pessoais, produzindo a singularidade da consciência.

Na adolescência, esse movimento se intensifica, uma vez que o desenvolvimento do pensamento conceitual possibilita maior desenvolvimento sobre as próprias vivências e sobre a realidade social, discorre-se “a palavra torna-se meio de compreensão de si, favorecendo a formação da autoconsciência.” (Vigotski, 2004 *apud* GONÇALVES, 2024). Nesse período, amplia-se a capacidade de reflexão, permitindo ao sujeito reorganizar suas experiências e atribuir novos sentidos à sua inserção no mundo.

Nesse sentido, a cultura digital passa a integrar as condições objetivas nas quais o desenvolvimento adolescente se realiza. Conforme o Conselho Federal de Psicologia, “crianças e adolescentes têm se subjetivado [...] imersos na cultura digital” (CFP, 2025, p. 30), evidenciando que o ambiente virtual não é externo à vida social, mas na parte constitutiva dela. Assim, as tecnologias atuam como mediadoras das relações, incidindo diretamente na formação da consciência e da personalidade.

Ademais, considerando que, para Leontiev (2021), o desenvolvimento da consciência está vinculado à atividade socialmente mediada, compreende-se que as relações sociais assumem papel central na constituição da personalidade. Nesse sentido, as interações mediadas por tecnologias digitais passam a integrar essas relações, atuando sobre os modos de comunicação e de produção de sentidos. Ainda que ampliem as possibilidades comunicativas, tais mediações podem tensionar a qualidade dos vínculos, ao mesmo tempo em que introduzem novas formas de reconhecimento social.

No que se refere ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores, o CFP aponta que conteúdos digitais “podem influenciar na [...] capacidade de abstração” (CFP, 2025, p. 16), indicando que o acesso à informação não implica, necessariamente, seu desenvolvimento crítico. Dessa forma, a mediação tecnológica deve ser compreendida em sua dimensão contraditória, podendo favorecer ou limitar o desenvolvimento.

Para além disso, as relações estabelecidas no ambiente digital são engendradas por desigualdades sociais. Conforme o CFP, “as diversas formas de violência [...] online não são dissociadas das [...] do mundo offline” (CFP, 2025, p. 30), sendo potencializadas por características como anonimato e ampla circulação de conteúdos, o que “pode produzir efeitos profundos e duradouros sobre o desenvolvimento” (CFP, 2025, p. 32). Tal aspecto torna-se especialmente relevante na adolescência, período em que se intensifica a formação da visão de mundo e a atribuição de sentidos às experiências vividas, de modo que essas mediações passam a integrar o processo de constituição da consciência e da personalidade.

Assim, a partir de Leontiev (1978), compreende-se que tais condições participam da produção dos motivos da atividade, influenciando a forma como os adolescentes atribuem sentidos às suas experiências e constroem sua relação com o mundo. Nesse processo, articulam-se significados socialmente produzidos e sentidos pessoais, o que implica diretamente na constituição da consciência e da personalidade. Por fim, destaca-se que “a tecnologia, por si só, não deve ser compreendida como o problema central” (CFP, 2025, p. 30), sendo necessário analisá-la em articulação com as mediações sociais, históricas e culturais que constituem o desenvolvimento da adolescência. Pois a tecnologia, com ênfase para as mídias sociais, representa não só as relações postas na realidade sociocultural, como também se aproxima de um ringue de disputas de compreensões e significados antagônicos sobre visões de mundo.

Uma análise mais detida de tal transformação dos sentidos pessoais em significados adequados (mais adequados) mostra que ela ocorre no contexto da luta pela consciência que ocorre na sociedade. Com isso quero dizer que o indivíduo não apenas “está” diante de uma “vitrine” que mostra significados, entre os quais lhe resta apenas escolher, que esses significados — representações, conceitos, ideias — não esperam passivamente sua escolha, mas irrompem energeticamente em suas relações com as pessoas que formam o círculo de seus contatos reais. Se o indivíduo, em determinadas circunstâncias de vida, é obrigado a escolher, essa escolha não é entre significados, mas entre posições sociais conflitantes, que se expressam e são reconhecidas por meio desses significados (LEONTIEV, 2021, *apud*, GONÇALVES, 2024, p. 102)

3. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender a adolescência como um período do desenvolvimento humano marcado por transformações qualitativas na consciência, na personalidade e nas formas de relação com o mundo, a partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. Nessa perspectiva, evidenciou-se que o desenvolvimento não pode ser reduzido a determinações biológicas ou naturalizantes, sendo constituído nas relações sociais e nas mediações culturais historicamente produzidas.

Dessa forma, a adolescência foi compreendida como um momento de reorganização subjetiva, em que emergem novas necessidades, motivos e formas de atividade. Tais transformações expressam não apenas mudanças individuais, mas as contradições próprias das condições concretas de vida, nas quais os adolescentes se inserem. Nesse sentido, a análise da periodização do desenvolvimento possibilitou compreender as crises como momentos necessários e constitutivos, que evidenciam o movimento dialético entre o já desenvolvido e as novas exigências colocadas pela realidade social.

Ademais, no interior desse processo, a família destacou-se como uma mediação fundamental, participando da construção de sentidos, da formação de valores e da significação das vivências do adolescente. Entretanto, tais relações não se constituem de forma isolada, sendo engendradas pelas condições históricas e sociais da contemporaneidade, o que inclui a presença cada vez mais intensa das tecnologias digitais e das novas formas de sociabilidade mediadas pela internet.

A partir de Leontiev (2021), compreende-se que essas mediações participam da constituição dos motivos da atividade e da produção de sentidos pessoais, articulando-se aos significados socialmente produzidos. Nesse contexto, as tecnologias digitais passam a atuar sobre os modos de relação, comunicação e reconhecimento social, podendo tanto ampliar possibilidades quanto tensionar os vínculos e produzir novas contradições no desenvolvimento.

Dessa forma, evidencia-se a necessidade de ampliar as investigações que articulem a dinâmica familiar às mediações tecnológicas contemporâneas, considerando seus impactos na constituição da consciência, da personalidade e da visão de mundo dos adolescentes. É de cunho emergente refletirmos e nos apropriarmos das condições desse cenário, pois é vista de modo recorrente a forma em que o uso de tecnologias vem sendo um grande destaque em relação à constituição do adolescente. As relações do jovem vêm sendo engendradas por essa ótica constituída por meios digitais, muitas das vezes até sendo substituídas por tal. Por esse prisma, os significados sociais, que dão base para

o desenvolvimento do sentido pessoal e da visão de mundo, passam a ser construídos nestas mediações digitais. De modo que, as compreensões do que é a amizade, a identidade, a família, o estudo, o trabalho, entre outros, são possivelmente deformados. Para além do exposto, podemos resgatar que as relações interpessoais têm sido prejudicadas, ao passo que na internalização dos processos de consciência, a família tem hierarquicamente tido sua função social fragilizada.

Nesse cenário, a família reafirma-se como mediação fundamental do desenvolvimento, por constituir o primeiro espaço de produção de sentidos, valores e formas de relação com o mundo, disponibilizando a maneira como os adolescentes interpretam, utilizam e atribuem significado às experiências vividas no contexto digital. Tal compreensão torna-se ainda mais relevante diante das transformações nas formas de convivência e nas condições concretas de desenvolvimento na sociedade atual.

Por fim, destaca-se que este trabalho não se propõe a esgotar o debate, mas a contribuir para sua problematização, indicando a necessidade de novos estudos que aprofundem a compreensão da adolescência em sua dimensão histórico-social. Nesse sentido, reafirma-se a importância de análises que considerem a unidade entre indivíduo e sociedade, possibilitando a construção de práticas que estejam comprometidas com o desenvolvimento humano em sua totalidade.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Fabrício Santos Dias de; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. A periodização histórico-cultural do desenvolvimento humano: a adolescência em questão. *Revista Psicopedagogia*, v. 40, n. 123, p. 376–393, 2023. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v40n123/0103-8486-psicoped-40-123-0376.pdf>

ASBAHR, F. S. F. A psicologia histórico-cultural: uma concepção de homem e de ciência. In: “Por que aprender isso, professora?” Sentido pessoal e atividade de estudo na psicologia histórico-cultural [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2017, pp. 19-32. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/5zs3s/pdf/asbahr-9788595461772-02.pdf>

BIROLI, Flávia. *Família: novos conceitos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014. Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2025/05/17-colecaoquesaber-05-com-capa.pdf>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Crianças, adolescentes e telas: subsídios para a atuação da Psicologia*. Brasília, DF: CFP, 2025. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2025/11/A-Psicologia-frente-o-mundo-digital.pdf>

DURIGAN, Ana Cecília; LEAL, Zaira Fátima de Rezende Gonzalez. A relação entre a família e a escola como elemento para a formação humana: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 3, n. 10, p. 133–148, 24 jan. 2018.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, 2004.

GONÇALVES, Hellen Luisie Florencio. A patologização da adolescência e a perspectiva psicossocial: reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2024.

GONÇALVES, Hellen Luisie Florencio. O desenvolvimento da personalidade de mulheres: estudo de caso clínico desde a Psicologia Histórico-Cultural. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Paranaíba, Paranaíba, 2019.

LEITE, Hilusca Alves. A atenção na constituição do desenvolvimento humano: contribuições da psicologia histórico-cultural. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. Disponível em:

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-03062015-120929/publico/leite_corrigida.pdf

LEONTIEV, Aleksei N. Atividade, consciência, personalidade. Tradução de Priscila Marques. 1. ed. Bauru, SP: Mireveja, 2021. (Coleção Biblioteca Psicopedagógica e Didática, Série Ensino Desenvolvemental, v. 12).

PASQUALINI, Juliana Campregher. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/RWgYJCJ8KJvkYfjzvDbcF3PF/?format=pdf&lang=pt>

SILVÉRIO, Helena Paiva. A concepção de família que orienta a intervenção profissional do assistente social. *Serviço Social & Realidade*, v. 21, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/2446/2154>

VIGOTSKI, L. S. A história do desenvolvimento das funções mentais superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Obras escolhidas: Problemas do desenvolvimento da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Vygotski, L. S. (2006). *Obras Escogidas IV: Psicología infantil*. Madrid: A. Machado Libro S.A.

ZANELLA, Andrea Vieira. *Psicologia histórico-cultural em foco: aproximações a alguns de seus fundamentos e conceitos*. Florianópolis: Edições do Bosque/UFSC, 2020. 196 p. (Práticas sociais e cultura). Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/212717/Psicologia_historico-cultural%20A.pdf?sequence=3&isAllowed=y

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Adriana Puchikeve De Assis⁵
Ana Luísa Martim⁶
Maria Clara Silva⁷
Hellen Luisie Florencio Gonçalves⁴

⁵ Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid

⁶ Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid

⁷ Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid